

COLÓQUIO DA ALTA AUTORIDADE PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL (AACs)

**Discurso proferido pelo Prof. Doutor João Pedro de Barros,
Presidente do ISPV**

Desejaria iniciar a minha intervenção neste encontro sobre comunicação social em geral e comunicação social regional com uma afirmação de grande simpatia pela oportunidade da sua realização.

É sempre importante reflectirmos sobre problemas que, de um modo ou de outro, afectam o homem na sua acção e colaboração íntima com a comunidade humana. No que concerne à comunicação social, essa reflexão assume uma maior relevância, já que comunicar é tornar comum, é associar, é entrar em relação, é penetrar no seio do outro, é conviver, é viver com, é participar, é humanizar no sentido da participação.

Correndo o risco assumido de vos incomodar e dizer o que os senhores sabem muito melhor do que nós, permitam-me precisar o significado de "Comunicação Social" pois ele é usado indistintamente sem muitas vezes lhe atribuímos um significado epistemologicamente correcto.

De um modo geral fala-se de "Comunicação Social" como equivalente de muitas outras designações, nomeadamente informação, meios ou técnicas de difusão, comunicações de massa, mass média etc., etc., etc.. Hoje utilizaremos o conceito na acepção mais lata, ou seja, na acepção mais abrangente.

A designação de "Comunicação Social" é então utilizada em compreensão e extensão como expressão que designe todas as formas de relações sociais com uma participação mais ou menos consciente dos indivíduos e de grupos.

Em Psicologia Social ou em Sociologia pura a expressão "Comunicação Social" usa-se para exprimir uma panóplia de formas de relações humanas. Nesta perspectiva, o papel da "Comunicação Social" assume uma importância relevante já que permite ao cidadão uma relação constante e quase instantânea com o que se passa com outros cidadãos em qualquer parte do Mundo na perspectiva da globalidade tão em uso neste fim de século. Globalidade, globalização e aldeia global são termos que preenchem praticamente todos os discursos, políticos ou não.

É verdade que esta tendência para a globalização está a provocar no cidadão uma noção homunculizada do Mundo na perspectiva da afirmação de Régis Debray que referiu "o nosso país é o planeta".

A "Comunicação Social", com este significado e em toda a sua extensão, tem, certamente, uma enorme responsabilidade neste conceito.

Gostaria de abordar a temática da Comunicação Social numa perspectiva mais ampla no âmbito da cultura e da educação (que pressupõe alteração de comportamentos) porque foi essa a verdadeira motivação que presidiu à criação do curso de Comunicação Social em actividade no nosso Instituto, mas não foi esse o rumo para que os organizadores do encontro apontaram.

E, assim, farei a abordagem do tema que me atribuíram - "Condicionismos do Processo Informativo na Comunicação Social Regional e Local". Agradar-me-ia mais se pudesse trocar os "Condicionismos" por "Constrangimentos". Apesar de parentes próximos, os dois conceitos têm cargas sociológicas algo diferentes. Como V. Exas. sabem, no seio dos constrangimentos encontramos um mundo de condicionismos.

No exercício de várias actividades com visibilidades diferentes, nos últimos 20 anos, pude tomar consciência das enormes dificuldades e dos constrangimentos com que se debatia a Comunicação Social Regional e Local, seja no âmbito da comunicação escrita, seja no âmbito da comunicação falada.

Desde logo, porque a comunidade regional e local, e também a nacional, cai permanentemente no erro de pensar que os média são espelhos que reflectem uma realidade, qualquer que ela seja.

Ora a verdade, e o engano reside aqui, é que os media são "representações como quaisquer outras dessa mesma realidade e, sabê-mo-lo, o que os media dizem é sempre muito mais do que aquilo que dizem". Ou seja, devemos entender as mensagens dos órgãos de comunicação social sempre como representativos de uma realidade devendo os consumidores dessa informação, os leitores e os ouvintes, serem eles próprios entendidos como "Construtores de significado diante de qualquer mensagem ou leitura mediática".

Estas situações são evidência do quotidiano de todos nós e para elas deveremos estar sensibilizados.

A Alta Autoridade está-o certamente.

Temos, pois, consciência de que a Comunicação Social em geral e a regional em particular desempenham um papel cada vez mais motivador e determinante de comportamentos porque, como refere Maria Emília Marques, o público alvo das comunicações sente-se quase sempre "pseudo-autor"; revê-se no que vê e no que lê porque ainda não conseguiu desenvolver capacidade crítica que o coloque a coberto da mensagem negativa, consciente uma (que infelizmente existe), inconsciente outra (que desgraçadamente ainda foi irradiada por falta apenas de cultura e formação profissional global).

Por estas razões, o consumidor de informação assimila por inteiro uma cultura de conjuntura que na maior parte dos casos apenas valoriza o que é efêmero, o prazer, o consumo acrítico da informação que vai estruturando um modo de construir o pensamento, um modo de ver o Mundo e de ser cidadão. Reforço a componente da não existência ainda de massa crítica.

E se esta situação se aplica com muita intensidade à Comunicação Social em geral, tem um efeito muito mais pernicioso na comunicação regional e local e nos seus consumidores com uma capacidade crítica bastante menor do que os consumidores nacionais.

A Comunicação Social regional e local padece, minhas senhoras e meus senhores, de um conjunto de constrangimentos terríveis de que só muito dificilmente conseguirá libertar-se.

Se não vejamos apenas alguns desses constrangimentos que ainda são muitos em meu entender:

- a) Desde logo, uma terrível dificuldade de "acesso a Fontes" credíveis, o que implica que os profissionais sintam permanentemente o desconforto da dúvida relativamente ao que veiculam.
- b) Precaridade do seu vínculo às empresas de comunicação onde trabalham.
- c) Exigência dos profissionais grangearem publicidade como forma de diminuir o peso das dificuldades de tesouraria das respectivas empresas o que faz nascer, em muitos casos, infelizmente, o aparecimento do jornalista "faz-tudo".
- d) Falta de publicidade institucional.
- e) Dependência quase total dos assinantes e dos mecenas de ocasião.
- f) Agravamento do "porte pago" nas edições regionais com a redução de 100% para 90%. Existirão razões que a minha razão desconhece.

g) Agências de publicidade sediadas nos grandes centros que remetem publicidade para a Comunicação Social regional e local (rádios e jornais) e que, em muitos casos, nunca é paga.

h) Uma progressiva apetência dos grandes órgãos de informação nacional pela publicidade regional e local com manifesto prejuízo dos órgãos regionais e locais.

i) Dificuldades de acesso a fontes de formação científica e técnica dos jornalistas e técnicos da comunicação ficando-se, em muitos casos, por uma formação empírica de resultados muito duvidosos.

j) A dificuldade em fazer deslocar técnicos para acções de formação aos profissionais locais, o que só tem acontecido, e pouco, com auxílio da Escola Superior de Comunicação Social do Politécnico de Lisboa.

l) Desconhecimento generalizado da nova lei da imprensa, o que tem motivado uma enorme preocupação dos profissionais da Comunicação Social regional.

m) Associativismo diminuto dos profissionais da comunicação social, perdendo obviamente a possibilidade de uma visão de conjunto dos problemas que afectam a classe.

E poderíamos continuar a enumerar, quase sem fim, os muitos condicionalismos que provocam, têm provocado e quiçá continuarão a provocar constrangimentos na comunicação social regional e local.

Mas como pensamos que o mais relevante é encontrar soluções para a situação de crise que a "Comunicação Social Regional" enfrenta, o que realmente importa é questionar quem de direito para encontrar essas soluções.

Quais? Eis a questão a que os seus responsáveis devem responder.

Pela nossa parte, há muitos anos sentimos essas dificuldades, nomeadamente as que se relacionam com a formação científica, cultural e técnica dos que desejam ser profissionais competentes.

E com esse objecto desde 1986 iniciámos actividade consequente no sentido de criar as condições para uma formação que entendíamos e entendemos ser exigida a quem participa em tão complexa área de fabricar comportamentos e personalidades como acontece com a Comunicação Social em geral.

Em vez da escola desejada coube-nos apenas a terminação, com um curso, ele próprio a funcionar com dificuldades inerentes ao facto de vivermos em Viseu com as consequências que atrás já referi.

Mas existe e vai dar, certamente, os seus frutos. Somos homem de fé e temos esperança que assim possa vir a acontecer.

Até lá continuaremos a fazer fé na possibilidade de que os homens e mulheres da comunicação social regional e local possam usar a intuição como intuito esclarecido pela inteligência e combatendo alguns dos comportamentos esotéricos que infelizmente ainda existem.

Por todas as razões que ao longo desta breve intervenção temos vindo a referir compreendemos, ou fazemos um grande esforço para compreendermos, muitos dos comportamentos de alguns órgãos de comunicação regional e local.

Mas é tempo de sermos mais exigentes com a comunicação social regional.

Quem não for possuidor da formação necessária para o exercício da profissão deve pensar em exercer outra actividade ou procurar a melhor forma de adquirir formação compatível.

É que, pelo menos até ao fim do século, V. Exas. vão ouvir em todos os discursos, políticos ou não, a referência ao rigor e à qualidade das formações profissionais de que a Comunicação Social não é excepção. No caso da comunicação social regional e local ela potencia montras da cultura e do desenvolvimentos regionais e por isso deve existir um cuidado extremo com o que se diz e com o que se faz tendo em atenção que muitas vezes a opinião publicada não coincide com a opinião pública. É um aviso.

E isso conduz à necessidade de comportamentos reflexivos que potenciem uma deontologia profissional e a assumpção de uma ética.

Gilles Lipovetsky, autor da "Era do Vazio", em entrevista ao Expresso em 26.11.1988, afirmou que numa sociedade voltada apenas ao prazer, os indivíduos se afastam dos grandes projectos que são da ordem do regime do Futuro e que ao presente, sendo o tempo da moda, é-lhe exigido que entre num processo de personalização de uma nova sociedade que temos que construir.

A Comunicação Social regional tem que acertar o passo com o futuro o que será possível se os constrangimentos que referi foram ultrapassados e se a formação profissional for conseguida.

Permitam-me que termine esta singela colaboração de quem reconhece as suas limitações e que continua a ter muitas dúvidas nesta matéria, como em muitas outras, com um excerto do Professor Agostinho da Silva que reputo de enorme interesse por justificar muitos comportamentos de alguma Comunicação Social. Digamos que constitui uma singelíssima homenagem a esse grande filósofo da vida.

Para Vieira, era o Império que viria após os quatro impérios que tinham falido. Mas tentar um Quinto Império, após a falência dos quatro anteriores, só não seria uma ideia de louco - e o Padre António Vieira não era louco - se evitassem a entrada, nesse Quinto Império, dos elementos culpados da ruína dos impérios antecedentes.

Então, não podemos pensar mais nenhum império em que haja qualquer das "bactérias" políticas causadoras do desaparecimento dos antecedentes.

V. M. - Quais são, pois, essas "bactérias" tão perigosas, capazes de minarem até um império?

A. S. - São, hoje, perfeitamente definidas, sendo a maior a mania do homem em mandar nos outros homens. Esta é a "bactéria" mais perigosa.

Depois surge todo o aparelho económico sobre o trabalho obrigatório, o que faz de cada império uma prisão. Não se podem consentir mais cadeias no Mundo.

Em terceiro lugar, a questão da educação. Como havia trabalho obrigatório e profissões, a nossa educação nunca passou de uma preparação para um determinado serviço. Não aprendemos aquilo que queremos aprender mas a matéria dos cursos dirigidos para isto ou para aquilo.

Em quarto lugar, o facto do trabalho obrigatório impor classes sociais, procurando o domínio de umas sobre as outras: cada pessoa da classe de cima procura ser diferente da pessoa da classe de baixo.

Em último lugar, temos as crises ideológicas e metafísicas, as quais contribuíram, igualmente, para a ruína dos quatro impérios que o Padre António Vieira tinha posto antes do seu.

A Comunicação Social Regional e Local é feita por homens, meus senhores.

Termino com um agradecimento à Alta Autoridade para a Comunicação Social pelo convite que muito me honrou e não sei se a ele correspondi como devia.